



CONSELHOS DE ADMINISTRAÇÃO

As quotas puseram-nas no 'board'. E agora?

A academia corporativa da Vieira de Almeida, em parceria com a Porto Business School e PWN, lançou o Programa Executivo "Women on Boards".

MARIANA BANDEIRA

mbandeira@jornaleconomico.pt

Margarida Couto chegou à Vieira de Almeida & Associados (VdA) em 1988 e foi a primeira sócia, mulher, da sociedade de advogados. Nunca se sentiu inferior e admite que, em toda a carreira, "nunca tinha pensado na diversidade até agora". Depois de se começar a interessar sobre paridade de género apercebeu-se de que "havia muitas organizações com o célebre 'telhado de vidro', em que as mulheres não conseguiam atingir o topo".

Daí até ao Programa Executivo "Women on Boards", o novo curso da VdA Academia para preparar os quadros femininos das empresas privadas e públicas para integrarem órgãos de administração e desenvolver competências daquelas que já exercem esse tipo de funções, numa lógica de *fit-and-proper*, foram só uns passos.

Entre os dias 8, 9, 22 e 23 de março, em parceria com a Porto Business School e a plataforma europeia Professional Women's Network Lisbon, o escritório vai formar mulheres em assuntos de gestão, financeiros, jurídicos e comportamentais. Sem duvidar que as mulheres são tão inteligentes quanto os homens e que as famílias, o Estado e as empresas investem tanto no ensino dos homens como no das mulheres, a presidente do comité *pro bono* da firma disse ao Jornal Económico que o que sucede, depois disso, é "uma drenagem de algum desse talento, porque a sociedade não criou condições para ser aproveitado, com impacto socioeconómico negativo".

Susana Almeida Lopes, diretora de desenvolvimento organizacional da VdA, acredita que a homogeneidade que existe nos conselhos de administração e nas tomadas de decisão acaba por ser "natural e humana". "Os estudos referem que faltam, pelo menos, 50 anos até as remunerações para funções equivalentes de homens e mulheres serem uma prática. Muitas vezes são processos inconscientes que vêm dos enviesamentos culturais que todos temos.

Tem de começar nas casas, nas escolas", afirma ao semanário.

Ao analisarem a oferta no mercado, incluindo universitário, perceberam que não existia resposta que combinasse um currículo multidisciplinar e fosse exclusivamente dedicada ao público feminino, pois um dos objetivos era o de que as alunas se sentissem 100% à vontade para partilharem as suas experiências sem quaisquer pudores em falar diante de quem *a priori* poderia ter uma posição mais influente.

"Tipicamente, os *boards* recrutam de forma enviesada. Os homens recrutam no seu *networking* e quando vão à procura de cargos na administração fazem-no sempre nos mesmos lugares", conta Margarida. A sócia fundadora e responsável da área de Telecomunicações, Media e Tecnologias garante, mesmo não sendo o caso na sociedade, sentiram que contribuir para que as empresárias pudessem assumir as novas funções em plenitude: "A pior coisa da lei das quotas era fazer com que mulheres não preparadas fossem para cargos de administração ou com que empresas quisessem nomeá-las mas não tivessem mulheres preparadas".

Em relação às empresas públicas, as cotadas têm mais tempo para se adaptar, uma vez que a lei portuguesa estabelece uma "paridade mais acelerada" para as do Estado. As 'madrinhas' desta iniciativa consideram que, por isso, é fundamental conhecerem os deveres de um gestor público e que, mais tarde, poderá ser positivo para as outras grandes empresas, dado que muitas vêm nas práticas das cotadas um modelo de *governance* a seguir.

Tanto a advogada com a responsável da academia corporativa da VdA definem as quotas como um "mal necessário" e não esquecem os estudos que mostram que um equilíbrio de género tem um impacto positivo nos KPI's da empresa, incluindo no EBITDA, logo, na economia. "A diversidade de género, cultural, de perspetivas, traz riqueza. Evita-se que o investimento que a sociedade fez não tenha retorno", explica a sócia.

Já Susana Lopes inspira-se na Alemanha, que "está a tentar captar mulheres para a engenharias e estima-se que se conseguir reorganizar a sua orientação da carreira vai resolver o défice de emprego ao nível tecnológico". Margarida e Susana admitem mais edições futuras deste curso, que surgiu na sequência da entrada em vigor da Lei n.º 62/2017, de 1 de agosto: "A melhor notícia que podíamos dar: deixámos de fazer porque se tornou obsoleto e deixou de ser necessário". ●



MARGARIDA COUTO
Sócia fundadora da VdA
e responsável de TMT

"A diversidade de género, cultural, de perspetivas, traz riqueza"



SUSANA ALMEIDA LOPES
Membro da direção da VdA
Academia

"Os estudos referem que faltam 50 anos até haver remunerações para funções equivalentes"